

Literatura LGBT em língua francesa no Brasil: flashes tradutórios

French LGBT Literature in Brazil: Translational Flashes

Dennys Silva-Reis

Universidade Federal do Acre (UFAC)

Rio Branco | AC | BR

reisdennys@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2422-2260>

Resumo: Este artigo investiga alguns movimentos não lineares ou cronológicos das traduções literárias LGBTs do par linguístico francês-português no Brasil. Interessa-nos saber quais são as motivações para tais traduções e como ocorreu ou como ainda ocorre a circulação da literatura LGBT em língua francesa no Brasil. Nota-se que tais traduções têm sua origem por meio do infiltramento temático em traduções de clássicos literários franceses e também por meio da adaptação de textos literários para outras artes. Por conta de uma ascensão do mercado livreiro e do crescimento do público leitor LGBT, cada vez mais novas traduções *queer* surgem. Entretanto, para auxiliar que o número de traduções possa prosseguir, o ensino de literatura francófona *queer* é colocado como uma força motriz. Assim, este artigo faz um levantamento amplo das traduções literárias LGBTs em língua francesa quanto ao seu histórico e à sua existência no Brasil.

Palavras-chave: tradução *queer*; tradução LGBT; tradução literária; literatura francófona; historiografia da tradução.

Abstract: This article investigates some non-linear or chronological movements of LGBT literary translations from the French-Portuguese language pair in Brazil. We are interested in knowing what the motivations are for such translations and how the circulation of French LGBT literature in Brazil occurred or still occurs. It is possible to see that such translations have their origin through thematic infiltration in translations of French literary classics and also through the adaptation of literary texts to other arts. Due to the rise of the book market and the growth of the LGBT readership, more and more new queer translations are emerging. However, to



help the number of translations continue, the teaching of queer Francophone literature is placed as a driving force. Thus, this article makes a broad survey of French LGBT literary translations regarding their history and existence in Brazil.

Keywords: queer translation; LGBT translation; literary translation; francophone literature; translation historiography.

1 Alavantú

Os elos entre os países de língua francesa e o Brasil têm uma longa tradição. Perpassam desde momentos históricos, como, por exemplo, França Antártica, França Equinocial, e imigração belga, suíça, haitiana, até elementos culturais como a Festa Junina, os agudás, os *boulevards* e o suflê. Em tratando-se de literatura, é inegável como a cultura francesa (em particular) dialoga com a cultura brasileira por meio de suas ideias (do pensamento iluminista ao republicano), de seus impressos (do folhetim aos romances) e gêneros textuais (da Constituição às poesias). No que tange a grandes movimentos transnacionais, como o da comunidade LGBT,¹ isso não é diferente. De grandes reflexões a memoráveis representantes, o Brasil acolhe e acolheu com vigor a cultura LGBT francófona, bem como outras que se somam à causa das minorias sexuais e de gênero brasileiras.

Prova disso são as visitas ao Brasil, no século XX, de Michel Foucault nas décadas de 1960 e 1970, e Sam Bourcier nestes últimos anos do século XXI. As obras e as ideias desses autores somadas às de Monique Wittig são facilmente encontradas nos debates brasileiros da comunidade LGBT. Ademais, Tomboy de Céline Sciamma, Adèle de Julie Maroh e Abdellatif Kechiche, Tom de Michel Marc Bouchard e Xavier Dolan, e a divertida família *gay* de *Agaiola das loucas* são personagens francófonos que estão no imaginário da comunidade LGBT brasileira. Atualmente, o livro *Aparelho sexual e cia.* (tradução de Eduardo Brandão; em francês: *Le guide du zizi sexuel*, 2001), escrito pelos quadrinistas Zep e Hélène Bruller, é a obra de língua francesa mais lembrada e discutida no Brasil por estar envolvida em escândalos como o “*kit gay*” (referência ao programa Escola sem homofobia), a candidatura do ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro e a censura em escola.²

¹ Esta sigla, *grosso modo*, refere-se a lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais. Neste texto, ela está sendo usada como designação de qualquer pessoa não heterossexual ou não cisgênero, ou mesmo fora dos padrões de gênero. Utiliza-se neste estudo o termo “*queer*” como sinônimo de LGBT, por entender que tal palavra pode designar um questionamento à sexualidade normativa. O autor do texto é ciente que a sigla possui atualmente outras variantes e que as letras desta sigla são formas de representatividade das sexualidades, logo, adota-se “LGBT” ou “*queer*” como um meio linguístico de fácil reconhecimento das inúmeras sexualidades dissidentes nem sempre simples de serem nomeadas ou reduzidas a um único termo.

² A prefeita Juliana Maciel de Canoinhas (SC) descartou o livro no lixo, alegando que a obra é imprópria para crianças e adolescentes.

Na França, a obra brasileira *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, afamada como o primeiro romance a abordar a questão da homossexualidade de forma aberta – antes mesmo da obra belga *Escal-Vigor* (1899), de Georges Eekhoud, considerada a primeira a tratar este assunto na Europa –, já recebeu duas traduções em língua francesa: *Rue de la Miséricorde* (2007), pela Éditions Métailié com tradução de Maryvonne Lapouge-Pettorelli, e *Un amour d'ébène* (2010), pela Quintes-Feuilles com tradução de Alexis Pereira de Gamboa. Somado a estas traduções, Caio Fernando Abreu, importante autor brasileiro *gay* do século XX, que tratou de temas como a AIDS em suas crônicas, tem parte de sua obra vertida em língua francesa.

Observa-se, assim, que as traduções literárias com a vertente LGBT são bilaterais entre França e Brasil. Entretanto, para este artigo, nos concentramos nas obras de língua francesa vertidas à língua portuguesa e publicadas no Brasil. Interessa-nos saber quais os motivos da tradução e como se dá ou se deu a circulação e recepção de tais livros. Para esta finalidade, primeiramente, demonstramos como a questão LGBT se infiltra em obras canônicas via tradução; em seguida, expomos como a circulação de algumas obras se deu primeiramente por suas transmutações;³ prosseguimos evidenciando como há um mercado e uma demanda do público leitor por tais obras; e, por fim, como o ensino dessa literatura pode contribuir para maior circulação do imaginário francófono LGBT no Brasil e, conseqüentemente, para a feitura de suas traduções.

Não se tem a pretensão de discutir todas as obras francófonas LGBTs traduzidas em português, mas sim fazer apontamentos de que essas traduções sempre existiram na História da Tradução brasileira⁴ e nas práticas de (re)leitura do público LGBT nacional. Ademais, a extensão e diversidade dessas traduções são vastas e complexas, pois muitas dessas obras foram publicadas em diferentes contextos históricos e editoriais, o que dificulta uma análise exaustiva em um único artigo. Logo, os pequenos *flashes* aqui apresentados, não são necessariamente cronológicos ou lineares, pois há uma preocupação nesse texto em mostrar *movimentos tradutórios* que aconteceram no passado e que ainda acontecem no presente – uma espécie de atos circulatórios da tradução. Almeja-se que as informações aqui reunidas sejam indícios de uma construção mais profunda da *etno-historiografia da tradução*⁵ da população LGBT brasileira que ainda carece de registros, de uma forma sistemática e organizada, das traduções de obras que exploram temas LGBTs.

A história dessas traduções é marcada por retomadas e transformações contextuais que dialogam com mudanças sociais, políticas e culturais ao longo do tempo, o que faz com que se demande uma abordagem que considere as múltiplas temporalidades e influências cruzadas dos processos de tradução de obras LGBTs. Convém lembrar que existem investigações basilares da História LGBT brasileira muito conhecidas – notadamente João Silvério Trevisan (2018), Renan Quinalha (2021), Luiz Mott (1987), Ronaldo Vainfas (2017), James Green

³ *Transmutação ou tradução interartística* é “[o] traslado de uma arte para outra ou a passagem de uma obra para outra obra em diferentes suportes, com diferentes sintaxes artísticas”. Assim, neste trabalho usa-se “a nomenclatura *tradução interartística* para nos referirmos tanto à passagem dos significados, quanto à passagem da materialidade de uma arte em outra arte” (Reis, 2019, p. 102-103).

⁴ Reafirma-se aqui o que já foi dito em trabalho anterior: “a História da Tradução é o estudo do ato tradutório no tempo, o que, conseqüentemente, envolve três instâncias: o agente de tradução, as obras traduzidas e o ato de traduzir analisados e mostrados diacronicamente” (Silva-Reis; Milton, 2016, p. 2-3).

⁵ Sobre o conceito de *etno-historiografia da tradução*, ele foi aprofundado em Silva-Reis (2021).

(2019), Flávia Péret (2011), dentre outros;⁶ todavia, elas apresentam uma lacuna quando o objeto central a ser explorado e refletido é a tradução.

2 O infiltramento no cânone

O conceito de Literatura LGBT (ou Literatura *Queer*) é bastante complexo de ser delineado. Por vezes, podemos mencionar que é a literatura produzida por pessoas LGBTs. Em outros momentos, é possível dizer que pode ser a literatura na qual os temas, as narrativas e as abordagens colocam em evidência as experiências, as reflexões e os valores LGBTs. Existe uma classificação que considera literatura LGBT apenas quando há uma união inseparável entre autoria e temática. O professor e pesquisador Pierre-Luc Landry (2017) considera que a literatura *queer* apresenta ao menos três princípios: a homonacionalidade, a ficção da homossexualidade e *queerificação* do literário. O primeiro princípio diz respeito à inclusão da homossexualidade dentro do discurso nacional; já o segundo leva em consideração a textualização das vivências *queer*; e, o terceiro, está voltado para a experimentação ou inovação, seja textual ou temática, relacionada à comunidade LGBT. Considerada desta forma, é possível dizer que a literatura *queer*, em sua face mais visível (e processável), se desdobra *grosso modo* em literatura *gay*, literatura lésbica, literatura bissexual e literatura trans.

Todavia, essas considerações delimitadoras ou organizadoras da literatura LGBT são muito recentes. Elas estão se sedimentando no século XXI devido à grande força que o movimento LGBT tem ganhado em cada canto geográfico do mundo, inclusive no Brasil. Anteriormente a esta consciência literária comunitária LGBT, temas, experiências e valores *queer* eram embutidos em narrativas de muitos autores e autoras que não tinham consciência deliberada sobre a comunidade LGBT ou apenas tinham consciência pessoal sobre o tema. Logo, há muitas obras de autores que não são LGBTs, mas que narraram ou escreveram sobre experiências não heteronormativas.

No caso da literatura em língua francesa, muitos dos autores tatearam de forma mais ou menos aprofundada os temas LGBTs, sobretudo no que tange a experiências sexuais não heteronormativas. O historiador brasileiro Luiz Carlos Villalta (2012), ao estudar as bibliotecas de padres em Outro Preto entre os séculos XVIII e XIX, demonstrou como a literatura erótica e libertina em língua francesa era popular e, em certa medida, tolerada. A recepção crítica dessas obras variava e expressava, em certa medida, um contexto social singular. Já no século XIX, a literatura de sensação – feita para “se ler com uma mão só” (El Far, 2004) – era algo que fazia muito sucesso com os leitores masculinos. Já circulava à época, para além das bibliotecas de padres, obras eróticas que apresentavam experiências sexuais lésbicas e os mais diversos tipos de libertinagens como os romances setecentistas *Teresa filósofa* (*Thérèse philosophe*, 1748), atribuído a Jean-Baptiste de Boyer, Marquês d’Argens, e *Memórias de frei*

⁶ Cf. GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino, Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2019; MOTT, Luiz. *O lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2011; QUINALHA, Renan. *Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021; VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

Saturnino (Histoire de don Bougre, portier des Chartreux, 1715), de Gervaise de Latouche. Aliás, tais obras acompanhavam toda a literatura licenciada em língua portuguesa oriunda da Europa que circulava no Brasil (Curopos; Maia, 2023).

E com o sucesso da corrente literária naturalista e suas extrapolações, obras francesas que performavam sexualidades dissidentes também circulavam no Brasil oitocentista. Ainda que, em um primeiro momento, essas obras não fossem traduzidas – pois a língua francesa era aprendida pela elite e, portanto, se lia no original –, posteriormente, elas receberam tradução. Dentre elas, pode-se mencionar: *Dama das Camélias (La Dame aux camélias, 1856)*, de Alexandre Dumas Filho, *Naná (Nana, 1880)*, de Émile Zola e *A religiosa (La religieuse, 1796)*, de Denis Diderot. Todas obras de autores do cânone francês que traziam, em particular, ora de modo velado, ora em forma de erotismo e/ou pornografia, cenas, experiências e metáforas da homossexualidade e da bissexualidade.

Como eram autores respeitados, admirados e extremamente lidos, temáticas LGBTs discutidas nessas obras entravam na cultura literária brasileira sem desconfiança. Isso se dava porque esses autores do cânone francês não eram exatamente conhecidos por escreverem sobre tal temática. A sexualidade era assunto adjacente para tais autores. Desta forma, textos de Balzac (ex.: *A menina dos olhos de ouro [La Fille aux yeux d'or, 1833]*), Victor Hugo (ex.: *Claude Gueux, 1834*),⁷ Charles Baudelaire (alguns poemas de *As flores do mal [Les Fleurs du mal, 1857]*), Guy de Maupassant (ex.: *A mulher de Paulo [La Femme de Paul, 1881]*), dentre outros, foram lidos, traduzidos e circulam até os dias atuais nas livrarias brasileiras. A única exceção é o Marquês de Sade que tem, desde muito tempo, obras eróticas traduzidas no Brasil em que se manifestam vivências homo e bissexuais (Silva, 2022).

Observa-se que esse infiltramento da temática LGBT em autores de língua francesa cânones do século XIX foi igualmente copiado por André Gide, Jean Cocteau, Jean Genet, Julien Green, Paul Verlaine, Marcel Proust, Marguerite Yourcenar, Max Jacob, Sidonie-Gabrielle Colette, Valentine Penrose, Violette Leduc, dentre outros autores assumidamente não héteros. Eles escreveram sobre diversos assuntos com algumas obras dedicadas à temática LGBT, seja de forma tímida ou intensiva, seja de modo ficcional ou autobiográfico. Isso, possivelmente, pode ter contribuído para que suas obras possam ter sido traduzidas no Brasil sem embargo moral ou qualquer tipo de censura, visto que são igualmente autores que fazem parte do cânone, dentro de uma visão contemporânea, quando se estuda literaturas em língua francesa.

3 A circulação “não livresca”

No século XX, algumas obras literárias de língua francesa ganharam fama e, posteriormente, tradução em língua portuguesa porque, primeiramente, ficaram conhecidas por suas transmutações ou traduções interartísticas. Ou seja, foram apresentadas ao público brasileiro, inicialmente, a partir de outra arte como uma adaptação do texto. Possivelmente, da década de 1980 aos anos seguintes, a mais lembrada e fresca na memória LGBT brasileira é *A gaiola das*

⁷ Para um aprofundamento sobre as traduções e circulação brasileira deste texto *vide* REIS, Dennys da Silva. *As retexturas brasileiras de Claude Gueux*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

loucas (La cage aux folles), peça de Jean Poiret que foi adaptada para o cinema italiano (1978), americano (1996) e vietnamita (2019), com grande sucesso mundial.

No Brasil, o texto foi traduzido do francês por Ironi Tavares e a peça foi dirigida por João Bethencourt em 1978. Com enorme sucesso durante três anos, sempre com o teatro lotado, ela foi representada por um elenco inteiramente hétero como relembra o diretor:

[João] Dória se queixa até hoje que eu o maltratei nos ensaios. É que ele, no início, tinha dificuldade de desmunhecar. E aí eu desmunhecava; todo mundo desmunhecava; para mostrar que desmunhecar é só uma forma de linguagem, um comportamento. Tivemos ensaios engraçados e difíceis, ao mesmo tempo. Hoje em dia, que eu estou mais seguro e menos ansioso, depois de muitos anos de análise, acho que saberia lidar melhor com a situação. Naquela época, o conceito de que todos nós temos um lado feminino e um masculino não era tão difundido. Por isso, os valores eram mais rígidos. O Dória acabou superando suas dificuldades e a peça foi um dos maiores sucessos de várias temporadas (Murat, 2007, p. 109).

Foi a primeira vez que o papel de transformista (*drag queen*) foi tratado com profundidade e respeito, mostrando impasses emocionais vividos pelos personagens homossexuais (Bethencourt, 2015). Seguido a esse sucesso teatral, o texto ganha novamente vida com o *remake* filmico americano de 1996. O sucesso da peça era tão grande que se tornou musical na Broadway em 1983 e este musical é traduzido no Brasil em diferentes épocas, sendo em 2010 a última representação afamada que contou com a adaptação, direção e atuação de Miguel Falabella ao lado de Diogo Vilela. Destaca-se que, enquanto na primeira tradução (a de Ironi e Bethencourt), o tradutor era um agente heterossexual e sua intenção maior era o sucesso do produto cultural, os últimos (Miguel Falabella e Diogo Vilela) são tradutores-atores *gays*, que, além do sucesso do produto cultural, almejavam trazer as discussões da obra com maior realidade e proximidade de suas próprias vivências pessoais.

Outro texto de língua francesa que ficou conhecido entre o público brasileiro foi a peça teatral *Tom na fazenda* (2017) – texto escrito pelo dramaturgo quebequense Michel Marc Bouchard. A peça foi traduzida por Armando Babaioff, que relata:

Conheci esse texto em 2014, depois de uma conversa com meu amigo Egídio La Pasta Jr., que me contava sobre um longa-metragem dirigido pelo canadense Xavier Dolan. Eu disse que não tinha visto e ele achou que eu poderia gostar, mas o que me chamou a atenção foi quando Egídio me contou que o longa era baseado numa peça de teatro e ambos tinham o mesmo nome: *Tom na fazenda*. Pedi a ele que não me contasse mais nada. Eu já tinha colocado na cabeça que não queria ver o filme, que queria ler a peça. Quando cheguei em casa, fui à caça do texto na internet, encontrei uma edição digital e li numa tacada só. Fiquei fascinando com a história do jovem Tom, que viajava ao interior para o funeral de seu namorado e encontra uma série de surpresas e conflitos. Terminei a leitura e logo comecei a tradução do texto. Eu queria contar essa história no teatro. Enquanto reescrevia em português as falas dos personagens que revelavam suas idiosincrasias em cada frase, busquei o contato do autor da peça, Michel Marc Bouchard. Em pouco tempo, eu estava com os direitos comprados para produzir a obra, que veio a se tornar realidade três anos depois (Babaioff, 2017, p. 7-8).

Tom na fazenda viajou o Brasil e com mais de 300 apresentações ganhou protagonismo no cenário teatral brasileiro com diversos prêmios. Seu texto foi publicado em formato de livro no mesmo ano de sua estreia nos palcos: 2017. O texto chama a atenção por tratar de questões de não aceitação da homossexualidade dentro do seio da família, especialmente na zona rural. A obra tem adaptação homônima para o cinema, mas esta não fez tanto sucesso no Brasil. Vale destacar que a identificação do tradutor Armando Babaioff, que também é ator, com a obra traduzida (*Tom na fazenda*) deve-se ao fato de que ele é um tradutor-ator *gay*, com experiências próximas à da peça de teatro. E assim, com amorosidade, se apaixonou pelo texto a ser traduzido e representado, como é possível ver na citação anterior.

Em 2013, um filme de grande sucesso estreia no Brasil trazendo a descoberta lésbica como tema central: *Azul é a cor mais quente*, do diretor Abdellatif Kechiche. O longa-metragem recebeu grande destaque em todo o mundo concorrendo a vários prêmios pelo realismo das atuações e a beleza do enredo. Por outro lado, foi extremamente criticado por transformar o sexo lésbico em pornografia e por não ter a mesma representatividade lésbica proposta pela autora da obra original em que o filme se baseia (Miranda, 2013). De fato, o filme é uma adaptação do romance gráfico de Julie Maroh, ativista do movimento LGBT na França. O sucesso do longa fez com que o romance gráfico fosse traduzido em 2019 pela editora Martins Fontes com tradução de Marcelo Mori. A obra é um sucesso de vendas entre os admiradores de romances gráficos no Brasil na atualidade.

Ainda dentro do universo de língua francesa, um dos poemas *queer* mais conhecidos no Brasil é “Sonnet du trou du cul” (Soneto do olho/buraco do cu):

Sonnet du trou du cul

Obscur et froncé comme un œillet violet
Il respire, humblement tapi parmi la mousse
Humide encor d’amour qui suit la fuite douce
Des Fesses blanches jusqu’au cœur de son ourlet.

Des filaments pareils à des larmes de lait
Ont pleuré, sous le vent cruel qui les repousse,
À travers de petits caillots de marne rousse
Pour s’aller perdre où la pente les appelait.

Mon Rêve s’aboucha souvent à sa ventouse ;
Mon âme, du coït matériel jalouse,
En fit son larmier fauve et son nid de sanglots.

C’est l’olive pâmée, et la flûte câline,
C’est le tube où descend la céleste praline :
Chanaan féminin dans les moiteurs enclos !
(Verlaine, [Rimbaud], 2006 [1863], p. 68)

Soneto do olho do cu

Obscuro e pagueado cravo violeta
Respira, humildemente no meio da espuma
Inda úmida de amor que em doce encosta ruma
Da brancura da bunda à beirada da meta.

Filamentos tais como lágrimas de leite
Choraram, sob o vento cruel que os repele,
Através de coágulos de barro em pele,
P’ra se perder depois onde a encosta os deite.

Mi’a boca se ajustou muita vez à ventosa
Minh’alma, do coito material invejosa,
Fez ali lacrimal e de soluços ninho.

Azeitona em desmaio e taça carinhosa
O tubo onde desce celeste noz gostosa
Canaã feminino em suor muradinho!
(Silva, 2007, p. 148-149)

Este soneto foi escrito por dois autores franceses que tinham uma relação homoafetiva no século XIX: Paul Verlaine e Arthur Rimbaud (White, 2010). Os quartetos são atribuídos a Verlaine e os tercetos a Rimbaud. O poema é uma paródia de uma antologia de sonetos de Albert Merat que elogiava partes do corpo feminino (Silva, 2007). A surpresa e

o riso dos excessos descritivos e imagéticos recaem sobre a parte do corpo escolhida: o cu. Este poema foi traduzido por inúmeros letrados brasileiros: Ivo Barroso, Heloísa Jahn, José Paulo Paes, José Celso Martinez Corrêa, Marcelo Drummond, Milton Lins, dentre outros. A versão de Corrêa e Drummond foi usada em um espetáculo teatral e posteriormente musicada por José Miguel Wisnik.⁸

O poema sobrevive no imaginário brasileiro erótico graças às suas traduções e transmutações e pela ambiguidade do tema, se masculino ou feminino, se hétero ou homossexual. Marcos Silva (2007) fez uma historiografia deste poema e nela demonstra o quanto este texto sobreviveu entre os literatos brasileiros com as mais diversas conotações, significâncias e simbolismos. Para o historiador, *Sonnet du trou du cul* é símbolo de riso, enfrentamento e inconformismo poético, social e sexual. O riso causado não é menosprezo, mas acolhimento de um inesperado objeto poético que circulou e ainda circula em língua portuguesa graças aos sentimentos que causa entre seus leitores: estranheza e contentamento.

4 Demandas *queer*: um público interessado e um mercado em ascensão

Assim como as inúmeras artes contribuem para que a tradução literária *queer* circule e finque raízes na cultura literária brasileira, outro fator que contribui também é a formação, evolução e continuidade de um mercado editorial LGBT e de um público LGBT interessado em consumir produtos culturais dirigidos a eles. Segundo o pesquisador Roberto Muniz Dias,

[a]s editoras LGBTTT não surgiram apenas para desengavetar textos não-publicáveis ou não condizentes com uma linha editorial tradicional. Elas também serviram, e ainda usam este expediente, para publicar autores e histórias com teor e qualidade literárias. Além de editores comprometidos com seu mister e seus autores, as editoras LGBTTT trabalham para levar ao público informação, autoajuda, inclusão e entretenimento. Sua função está além de se posicionar num mercado competitivo por ter um público consumidor, ou um nicho mercadológico. Elas existem como registro de uma literatura que pela sua contemporaneidade pleiteia a visibilização de minorias historicamente silenciadas por relatar suas experiências de amor, desejo e demandas sociais. O público consumidor está além de colocar um produto cultural na prateleira, ele está à procura de se informar, autoconhecer-se, instruir-se sobre direitos e, sobretudo, compartilhar suas histórias com o mundo.

Dessas experiências com uma literatura engajada, autobiográfica, visceral, politizada e reivindicatória surgiram as primeiras editoras gays, no final do século XX. Têm como enfoque o testemunho, a reivindicação, a militância como forma de exigir direitos como mais uma forma de conscientizar e protocolar demandas das minorias; diminuir o preconceito e levar informação ao público leitor. Além disso, elas visavam difundir as ideias de libertação gay e desenvolver uma cultura própria (Dias, 2013, p. 59).

Em consonância com Dias, assevera-se que o mercado livresco LGBT tem cada vez mais produzido obras em diversos seguimentos de livros, em particular, psicologia, autoajuda, religião, ciência, direito e política. Há uma profusão de traduções ensaístas, sendo que

⁸ Disponível para escuta em: https://youtu.be/gh3YdmKgyHU?si=3L3wlbOpXR_pLhW. Acesso em: 23 abr. 2024.

muitas são traduções oriundas da língua francesa, como, por exemplo: *As lésbicas – mitos e verdades* (2009) (tradução de Marly N. Peres), de Stéphanie Arc; *Homo Inc.Orporated: o triângulo e o unicórnio que peida* (2020) (tradução de Marcia Bechara), *Compreender o feminismo* (2021) (tradução de Fabiana Aparecida de Carvalho, Roberta Stubs Parpinelli e Patrícia Lessa dos Santos) e *Queer Zones 1* (2022) (tradução de Henrique Provinzano Amaral e Thiago Mattos), de Sam Bourcier; *O pensamento hétero e outros ensaios* (2022) (tradução de Maíra Mendes Galvão), de Monique Wittig; *O desejo homossexual* (2020) (tradução de Daniel Lühmann), de Guy Hocquenghem; além dos textos de Michel Foucault, como os volumes de *História da Sexualidade* (traduções dos três primeiros volumes por Maria Thereza da Costa Albuquerque e o último, quarto volume, por Heliana de Barros Conde Rodrigues e Vera Maria Portocarrero) publicados pela editora Paz e Terra.

Nesta seara de traduções, a tradução literária tem uma dose significativa. No que tange às traduções oriundas da língua francesa, podem-se mencionar desde textos clássicos conhecidos e canônicos (como *As guerrilheiras* [2019] [tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo], de Monique Wittig; *Herculine Barbin – o diário de um hermafrodita* [1982] [tradução de Irley Franco], de Michel Foucault, *Poemas eróticos – para ser caluniado* [1985] [tradução de Heloisa Jahn], de Paul Verlaine, *A terra austral conhecida* [2011] [tradução de Ana Cláudia Romano Ribeiro], de Gabriel de Foigny; *A convidada* [2020] [tradução de Vittor Ramos], de Simone de Beauvoir; *Memórias de Adriano* [2015] [tradução de Martha Calderaro], de Margueritte Yourcenar, *O imoralista* [2018] [tradução de Theodomiro Tostes], de André Gide, etc.) até textos mais contemporâneos ou antigos e desconhecidos (como *Teresa e Isabel* [2001] [tradução de Maria Lúcia Machado], de Violette Leduc, *Justin* [2016] [tradução de Fernando Scheibe], de Gautier; *Degenerado* [2020] [tradução de Renata Silveira], de Chloé Cruchaudet, *Je Nathanaël* [2011] [tradução de Thiago Gomide Nasser], de Nathanaël, *Três* [2023] [tradução de Julia Sobral Campos], de Valérie Perrin, *A Trindade Bantu* [2022] [tradução de Lucas Neves], de Max Lobe, *O beijo de Narciso* [2023] [tradução de Régis Mikail], de Jacques d'Adelswärd-Fersen, *A menina que não fui* [2023] [tradução de Régis Mikail], de Han Ryner, etc.).

Dois casos específicos chamam a atenção: as traduções de obras de Edouard Louis e de Abdellah Taïa. Toda a obra completa de Edouard Louis foi traduzida no Brasil por duas editoras: a Tusquets (traduções de Francesca Angiolillo) (*O fim de Eddy* [2018] e *História da violência* [2020]) e a Todavia (traduções de Marília Scalzo) (*Quem matou meu pai* [2023], *Lutas e metamorfoses de uma mulher* [2023] e *Mudar: Método* [2024]). Em 2024, foi publicado seu novo romance *Monique s'évade*, que possivelmente será traduzido em breve no Brasil. O autor, abertamente homossexual, escreve, em tom autoficcional de forma bastante detalhista e com uma visão ampliada da sociedade e da política francesa atual, sobre suas vivências como homem *gay*. Muitos leitores LGBTs se identificam com as situações e os comportamentos descritos em seus romances. Já Abdellah Taïa, autor *gay* marroquino, com extensa obra publicada em francês, começou a ser traduzido e publicado no Brasil recentemente: *Aquele que é digno de ser amado* (2018) (tradução de Paulo Werneck), *Um país para morrer* (tradução de Raquel Camargo) (2021) e *Viver à sua luz* (2023) (tradução de Camilla Vargas Boldrini). Suas obras têm um certo destaque porque trazem à luz como é ser *gay* e árabe no Marrocos, ou seja, apresenta, por meio da literatura, vivências LGBTs em um país que criminaliza a homossexualidade. Aliás, seus textos aproximam as comunidades LGBTs árabes e europeias, mostrando que as questões *queer* são transnacionais independentemente da localidade geográfica.

Com efeito, a crescente efervescência de traduções e publicações LGBTs no Brasil tem acompanhado as conquistas do movimento LGBT brasileiro (Francisco, 2022), especialmente no século XXI, com a implementação de políticas públicas de Direitos Humanos, fortalecimento de associações LGBTs, criação de leis a favor da comunidade LGBT, produção de conhecimento científico LGBT, bem como “uma maior conscientização” sobre as sexualidades dissidentes nas escolas, mídias e na sociedade como um todo (Green, Quinalha, Caetano, Fernandes, 2018). É claro que, como consequência, de um lado, há a promoção de ativismos, letramentos, imaginários e representatividade LGBT (Trevisan, 2018); de outro lado, há a valorização do *pink money* (dinheiro gasto por indivíduos da comunidade LGBT), o que faz com que o mercado capitalista também fique atento ao poder aquisitivo da comunidade LGBT e produza produtos direcionados a ela (Alves, 2019). E dentre esses produtos culturais, os livros, as traduções.

5 Ensino de culturas literárias francófonas *queer*

O desejo da tradução e da leitura de obras literárias *queer* se dá, *grosso modo*, pela formação de um certo gosto e conhecimento deste tipo de literatura. Mesmo os editores de livrarias especializadas em literatura LGBT, para apostarem na comercialização de um livro, se inteiram de uma certa cultura LGBT em voga para fins capitalistas e/ou ativistas (Francisco, 2022). No que concerne à literatura *queer* em língua francesa, percebe-se que, quer seja nos cursos livres de língua francesa, quer seja nos cursos de formação de professores de francês, quer seja nos cursos de pós-graduação, esse repertório cultural literário é pouco debatido e dado a conhecer.

Cada vez mais, no Brasil, nos cursos *de* e *em* língua francesa (bem como nos cursos de Letras – Línguas Estrangeiras Modernas), o público LGBT se faz presente.⁹ Contudo, pouco das culturas francófonas LGBTs são mencionadas e trabalhadas em sala de aula como uma interculturalidade ou como conhecimento de mais uma alteridade. O resultado disso é uma educação relativamente heteropatriarcal, tradicional e canônica da língua francesa e de suas literaturas, com certo afastamento das vivências *queer*.¹⁰ O professor e pesquisador Anderson da Mata (2020) chama a atenção para como a leitura de textos LGBTs pode ser reparadora, terapêutica e como isso deve ser considerado no ensino de literatura:

⁹ Uma amostra singular desse dado é conhecida por meio da dissertação *Trajetória, permanência e afiliação de estudantes LGBTs na UFRB: a transformação do estigma em orgulho* (2017), de Elder Luan dos Santos Silva, que discute como a universidade pública brasileira tem recebido um número maior de alunos não heterossexuais nos cursos de Humanidades, dentre eles, o curso de Letras. Em consonância com essa discussão, investigações sobre gênero no ensino de língua francesa leva-nos a constatar a presença de aprendizes LGBTs e seus aliados nos cursos deste idioma. Para citar um exemplo, a tese *Masculinidades e feminilidades dentro dos manuais do FLE (Francês Língua Estrangeira): das visões sexistas às relações de gênero* (2008), de Sergio Luiz Baptista da Silva, aborda maneiras de mediar conhecimentos feministas, LGBTs e anti-heteropatriarcais em sala de aula de língua francesa.

¹⁰ Um relato bastante interessante sobre este assunto é oferecido no trabalho de conclusão de curso de Jéssica Farias dos Santos (2022): *Thérèse et Isabelle: Uma tradução comentada de uma obra dissidente*. A autora expõe seu percurso formativo em Letras-Francês, bem como sua vivência lésbica enquanto leitora e tradutora de uma literatura *queer* em língua francesa, revelando como essa área de estudo e aprendizagem estética está à margem dos conteúdos acadêmicos e das vivências universitárias didatizadas em sala de aula na graduação.

[A] dimensão reparadora é mais uma forma de esses leitores falarem da identificação com o texto. Por isso, o que mais me interessa nesses comentários é o entusiasmo com a leitura que vai sendo expresso em cada um deles, que é devido exatamente ao que se costuma negar na crítica literária dita séria sobre a experiência estética: o distanciamento e o desinteresse. Nenhum desses leitores está preocupado em se mostrar distante do texto nem dele desinteressado. Ao contrário, quanto mais próximo dele, melhor. Quanto mais ensinar, mais potente terá sido a leitura. Poderíamos, condescendentes, dizer que esses leitores estariam em busca de um espelho, de uma leitura que repetisse aquilo que já sabem, que querem ouvir, em que, por vaidade, se reconhecem. Por outro lado, de alguma forma, é também possível imaginar que esses leitores estão em busca de experiência: de ouvir a do outro, experimentá-la, conectá-la com as suas e saírem mais complexos – e, por que não?, melhores – da leitura. Esse desejo do efeito terapêutico, condenado por grande parte da crítica e da teoria literárias, correlaciona-se com a observação de bell hooks sobre a vontade dos estudantes de transformarem os espaços da aula em uma «terapia de grupo», rejeitada pelos professores ditos sérios. [...] Não venho aqui defender esse modelo de leitura como mais adequado, mas apenas constatar que há um imenso descompasso entre o que esperamos do leitor literário e o modo como esses leitores têm se formado. E posso afirmar que esse descompasso é nocivo a todos: de um lado, os leitores limitados a um modelo de leitura por identificação direta não têm acesso a um potencial revolucionário e transformador que só pode vir da oscilação entre perder-se e encontrar-se em um texto e do manejo habilidoso das ferramentas de leitura e escrita que a teoria propõe; de outro lado, teóricos e críticos seguem falando para um clube fechado de iniciados, sem entender o que está acontecendo da porta de sua confraria para fora, onde há muita literatura sendo feita e lida (Mata, 2020, p. 34-35).

Nos cursos de graduação,¹¹ notadamente, percebe-se o quanto o ensino das literaturas não atinge de imediato os alunos LGBTQs e nem conscientiza quaisquer alunos sobre outras alteridades relacionadas às sexualidades dissidentes. Não há uma oscilação entre perder-se e encontrar-se na aula de literatura, tal como sugere Anderson da Mata acima. Esse desfalque no ensino superior de literaturas francófonas se dá ora pelo desconhecimento, ora pela falta de acesso a obras, seja no original ou em tradução. Entre os professores, há uma insipiência quanto às temáticas *queer* abordadas em obras de autores canônicos de literaturas em língua francesa. Textos como *Gabriel* (1839), de Georges Sand, *Mademoiselle de Maupin* (1835), de Théophile Gautier, *Séraphîta* (1835), de Honoré de Balzac, *Lorenzaccio* (1896), de Alfred de Musset – para citar apenas alguns autores clássicos – são majoritariamente desconhecidos nos cursos de graduação e formação de leitores, bem como do público brasileiro em geral já que não possuem tradução.¹²

¹¹ Cita-se aqui duas pesquisas sem a pretensão de exaurir o assunto, visto não ser o momento oportuno: uma pesquisa mais antiga: *O texto literário em aula de francês língua estrangeira (FLE)* (2007), de Josilene Pinheiro Mariz, que aborda os cursos de graduação no Nordeste; e uma pesquisa mais recente: *Ensino de literatura e a formação de professores de francês na(s) Amazônia(s) brasileira(s)* (2021), de Stéphanie Soares Girão, que aborda os cursos de graduação na região Norte do Brasil. Ambas pesquisas sérias sobre o potencial da literatura para com os alunos e professores, e com análises qualitativas de cursos de graduação. Nelas vê-se que o tema das literaturas *queer* ou LGBTQs não são nem aludidos.

¹² Uma anedota: a convite da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), o autor do presente texto apresentou um trabalho analisando as obras *Gabriel* (1839), de Georges Sand, *Mademoiselle de Maupin* (1835), de Théophile Gautier e *Séraphîta* (1835), de Honoré de Balzac (Silva-Reis, 2022). Somente o mediador da mesa conhecia uma das obras, a audiência e demais componentes da mesa as desconheciam. Após apresen-

É claro que, se há uma ignorância quanto a textos de autores clássicos franceses, no que diz respeito às chamadas literaturas francófonas, isso é potencializado. Por exemplo, são totalmente ignoradas as obras dos belgas Georges Eekhoud (ex.: *Escal-Vigor* [1899]) e Marguerite Coppin (ex.: *Ressort cassé* [1889]); do suíço Max Lobe (*39 rue de Berne* [2013]); das camaronesas Frieda Ekotto (ex.: *Ne chuchote pas trop* [2005]) e Calixthe Beyala (ex.: *C'est le soleil qui m'a brulée* [1987]); da magascarense Michèle Rakotoson (ex.: *Lalana* [2002]); dos marroquinos Abdelhak Serhane (ex.: *Messouada* [2002]), Abdelkebir Khatibi (ex.: *Le Livre du sang* [1979]), Mohamed Leftah (ex.: *Au bonheur des limbes* [2006]) e Hicham Tahir (ex.: *Jaabouq, le joint* [2012]); dos haitianos Claude Fignolé (ex.: *La dernière goutte d'homme* [1999]), Jean-Euphèle Milcé (ex.: *L'alphabet de nuits* [2004]) e Kettly Mars (ex.: *L'Heure hybride* [2005]); dos franco-antilhanos Denis Boucolon (ex.: *Mon mari est capable* [1988]) e Maryse Condé (ex.: *Célanire cou-coupé* [2000], *La Belle créole* [2003], *Histoire de la femme cannibale* [2003], *Comme deux frères* [2007]); e da guianense Françoise James-Ousénie (ex.: *Entre l'arbre et l'écorce* [2009]). Todas estas obras citadas trazem em seus enredos, ora personagens, ora situações, ora ativismos LGBTs. Algumas até mesmo com autoria não heterossexual. Tais produções literárias são desconsideradas, de uma parte, por não serem muito divulgadas, lidas e estudadas; por outra parte, por serem obras um pouco inacessíveis no mercado livresco ou em bibliotecas públicas – inclusive para poder traduzi-las.

A invisibilidade no ensino de tal literatura colabora para: (1) uma falta de experiências com as estéticas *queer*; (2) menos apreciação da diversidade cultural e do pluralismo de pontos de vista; (3) pouco respeito por outras referências culturais LGBTs; (4) diminuição de conscientização e compreensão sobre os próprios preconceitos, estereótipos, discriminações e ideias pré-concebidas a respeito de sexualidades não heteronormativas; (5) a antipatia e a acriticidade quanto às ideias, aos valores, os comportamentos e os sentimentos em torno da comunidade LGBT; e, (6) a inaptidão de intervir (mesmo que teoricamente) como mediador cultural de práticas e saberes culturais *queer*.¹³ Logo, é preciso rever maneiras de atualizar o magistério superior sobre o tema, bem como promover tal ensino entre alunos e professores na universidade. Desde a socialização (institucional, discente e/ou docente) de obras de autores com temáticas LGBTs de língua francesa até mesmo investimento em momentos de trocas literárias didatizadas ou espontâneas, em sala de aula ou outros ambientes educacionais e/ou culturais.

Frisa-se ainda que a escolha de um repertório literário LGBT abrangente (entre tradicional e popular, ou clássico e contemporâneo) contribui para uma maior ampliação de horizontes críticos dentro do domínio das sexualidades dissidentes. Como a língua francesa tem uma produção extremamente diversa em vários países francófonos, um caminho interessante seria: (1) tentar interseccionar cultura LGBT local com cultura LGBT da obra literária escolhida para leitura/análise em sala de aula; ou (2) conhecer uma nova cultura LGBT totalmente desconhecida ou diferente da cultura LGBT local por meio de uma obra literária. Aliás, a análise de autores héteros que escrevem sobre vivências *queer*, bem como de autores LGBTs

tação, algumas pessoas – que já haviam feito uma pesquisa rápida na internet – perguntaram se já existia tradução dessas obras, inclusive em outras línguas (como inglês ou espanhol) porque, por meio da comunicação, despertou-se o interesse por lê-las. Ou seja, apresentar uma obra também é um meio de motivar sua leitura, quiçá sua tradução. Entretanto, muitos leitores nem sabem que tais obras *queer* existem.

¹³ Jean-Claude Beacco, em *L'altérité en classe de langue – pour une méthodologie éducative* (2018), faz um aprofundamento mais detalhado e elaborado dessas questões relacionadas, em particular, ao ensino de línguas, todavia, bastante úteis para se pensar, igualmente, o ensino de literaturas em língua francesa.

que escrevem sobre suas próprias experiências, pode trazer experimentações estéticas e terapêuticas singulares para os leitores, com compartilhamentos de saberes únicos, robustos e enriquecedores (para aluno e professor) em sala de aula.

Um maior ensino de literatura *queer* pode oportunizar futuramente um número mais elevado de obras estrangeiras em língua portuguesa. Uma vez o gosto literário e a educação literária adquiridos, isso pode gerar vontade de traduzir e favorecer o surgimento de novos tradutores, de novas editoras, novas traduções e novas geografias tradutórias *queer*. Consequentemente, a circulação de mais saberes LGBTs, bem como o avanço na pesquisa *queer* da área de Humanidades, se intensificará, beneficiando, assim, o público brasileiro LGBT interessado nesses bens culturais.

6 Anarriê

Como vimos neste artigo, a circulação de tradução *queer* não é uma novidade na historiografia da tradução no Brasil. No que tange à língua francesa, essa circulação de tradução LGBT tem início no século XIX, por intermédio de autores do cânone que vez ou outra pincelavam a temática das sexualidades dissidentes, estratégia essa utilizada também por alguns autores LGBTs de língua francesa considerados clássicos presentemente no mercado editorial brasileiro. A historiografia dessas traduções revela um percurso marcado por adaptações contextuais e pela crescente visibilidade das temáticas LGBT na literatura, refletindo as mudanças sociais e culturais ao longo do tempo.

Foi demonstrado também que algumas traduções alcançaram o público brasileiro por meio de adaptações e pelo crescente interesse nas últimas décadas pela cultura *queer*, o que resultou no ascendente número de editoras LGBTs no Brasil. E, mencionamos, como hipótese, que a criação de uma certa tradição e gosto pela literatura em língua francesa *queer* pode gerar novas traduções em solo nacional. E o ensino de literatura francófona *queer* na universidade pode ser um grande propulsor, haja vista o empenho de tradutores e editores atuais que primeiro se (in)formaram quanto a este tipo de literatura para depois exercerem seus ofícios.

Aliás, destaca-se, com maior afinco, o fenômeno que grande parte das traduções LGBTs no Brasil são frutos de tradutores e editores engajados e militantes da comunidade LGBT. Eles, por meio da literatura de ficção ou ensaística, são agentes de mudança da cultura e do pensamento *queer* no Brasil. Isso tem um impacto direto na tradução literária, visto o grande *boom* desses últimos anos de novos livros colocados à disposição do público brasileiro LGBT. Não se pode negar que alguns são traduzidos devido ao seu sucesso no mercado livreiro internacional com prêmios e boa fortuna crítica. Outros, são traduzidos devido a seu estudo na universidade, fruto, por vezes, de pesquisa acadêmica de pós-graduação. Todavia, não deixam de contribuir para maior circulação do imaginário francófono LGBT no Brasil.

É certo que a literatura *queer* de língua francesa não para de crescer, ganhando outros espaços de publicação e difusão como o ciberespaço. Entretanto, mapear essas traduções é uma nova investigação a ser feita com a finalidade de responder o porquê de tais textos e como eles são disponibilizados. O autor francês transmasculino Noah Truong, por exemplo,

já começa a aparecer traduzido no ciberespaço brasileiro.¹⁴ Será que em breve outros autores também estarão em traduções *queer* instagramáveis? Parece-nos que sim.

Para os tradutores e editores LGBTs, exercer a tradução parece seguir a canção *Comme ils disent* (Como dizem) de Charles Aznavour (1972):

Le travail ne me fait pas peur
Je suis un peu décorateur
Un peu styliste
Mais mon vrai métier
C'est la nuit
Que je l'exerce travesti
Je suis artiste
J'ai un numéro très spécial
Qui finit en nu intégral
Après strip-tease
Et dans la salle je vois que
Les mâles n'en croient pas leurs yeux¹⁵

Que venham novas traduções *gays*, novas traduções *sáficas*, novas traduções *trans*! Bem como traduções *agêneras*, *ceterossexuais*, *demissexuais*, *intersexuais*, *omnissexuais*, *não binárias*, e de demais orientações marginalizadas. Traduzir não faz medo, tem seu estilo, é um ofício, é se travestir com o discurso do outro, é realizar uma arte, um número especial, é despir o *queer* e assombrar a heteronormatividade *comme ils disent*.

Referências

ALVES, Matheus Felipe. *Olhares cruzados: o Pink Money e o movimento LGBT*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.

COMME ils disent. Intérprete: Charles Aznavour. Compositor: Charles Aznavour. In: *IDIOTE, je t'aime*. Intérprete: Charles Aznavour. Paris: Barclay, 1972. 1 CD, faixa 10. Encarte.

BABAIOFF, Armando. Apresentação. In: BOUCHARD, Michel Marc. *Tom na fazenda*. Tradução de Armando Babaioff. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

BEACCO, Jean-Claude. *L'altérité en classe de langue – pour une méthodologie éducative*. Paris: Didier, 2018.

BETHENCOURT, Cristina de Mello. *João Bethencourt – acadêmico popular: A gaiola das loucas e Sodoma & Gomora – ecos de um encenador contemporâneo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arte Cênicas) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

¹⁴ Disponível em: <https://www.acapivara-cultural.org.br/post/poesia-de-l%C3%ADngua-francesa-com-tem%C3%A1tica-transmasculina-noah-truong-nomes-mortos-novos-mundos-tra>, e em: https://www.instagram.com/p/C5v27WGuuh1?img_index=1. Acesso em: 30 abril 2024.

¹⁵ O trabalho não me faz medo/ sou um pouco decorador/ um pouco estilista/ mas meu verdadeiro ofício/ é a noite/ que o executo travestido/ sou artista/ tenho um número especial/ que termina nu integral/ depois do *striptease*/ e na sala eu olho/ os machos não acreditam no que veem (tradução nossa).

CUROPOS, Fernando; MAIA, Helder Thiago (org.). Sexo e sensibilidades eróticas na literatura lusobrasileira de Oitocentos e da Belle Époque. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 4-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/va.i43.201297>.

DIAS, Roberto Muniz. *Editoras LGBTTT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva*. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Departamento de Teorias Literárias e Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRANCISCO, Alex Carolino. *Páginas coloridas: editoras independentes pela diversidade*. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.27.2022.tde-06062022-143948>.

GIRÃO, Stéphanie Soares. *Ensino de literatura e a formação de professores de francês na(s) Amazônia(s) brasileira(s)*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.

LANDRY, Pierre-Luc. Littérature queer. Le refus du ghetto et des regroupements vaseux. *Nuit blanche, magazine littérature*, n. 147, p. 34-38, verão 2017.

MARIZ, Josilene Pinheiro. *O texto literário em aula de Francês Língua Estrangeira (FLE)*. 2007. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MATA, Anderson. Onde estão os leitores? Redes sociais e a literatura LGBTQI+. *Abriu*, n. 9, p. 17-38, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1344/abriu2020.9.2>.

MIRANDA, André. Um dos filmes mais comentados do ano, 'Azul é a cor mais quente' estreia no Brasil. *O Globo Cultura*, Rio de Janeiro, 3 dezembro 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/um-dos-filmes-mais-comentados-do-ano-azul-a-cor-mais-quente-estreia-no-brasil-10946271>. Acesso em: 20 abril 2024.

MURAT, Rodrigo (org.). *João Bethencourt: o locatário da comédia*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

REIS, Dennys da Silva. *Victor Hugo, um tradutor interartístico no século XIX*. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SANTOS, Jéssica Farias. *Thérèse et Isabelle: Uma tradução comentada de uma obra dissidente*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Língua Moderna Estrangeira [Francês]) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SILVA-REIS, Dennys; MILTON, John. História da tradução no Brasil: percursos seculares. *Translatio*, Porto Alegre, n. 12, p. 2-42, dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/69413>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA-REIS, Dennys. Etno-historiografia da tradução: o caso das populações negras no Brasil. In: LIMA, Érica; PISSETTA, Lenita Rimoli; VERAS, Viviane (org.). *E por falar em tradução*. Bauru: Canal 6, 2021. v. 1, p. 82-96.

SILVA-REIS, Dennys. Sand, Balzac e Gautier sob o signo do travestismo: TransIdentidades na literatura francesa do século XIX. In: TAUFER, Adauto Locatelli; CUNHA, Andrei dos Santos; ZITTO, Bruno Costa (org.). *Diálogos transdisciplinares: ciências humanas, cultura, tecnologia*. Porto Alegre: Class, 2022. p. 100-119. Disponível em: https://www.bestiario.com.br/abralic_2022/1-Dialogos-transdisciplinares.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA, Elder Luan. *Trajetória, permanência e afiliação de estudantes LGBTs na UFRB: a transformação do estigma em orgulho*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA, Marcos. Rir do corpo: paródia e riso num poema de Rambaud e Verlaine. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 145-161, jul.-dez. 2007.

SILVA, Rodrigo D'Avila Braga. *Do Boudoir à Alcova: recepção e análise crítica das traduções brasileiras de La Philosophie dans le boudoir*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/242690>. Acesso em: 24 jul. 2024.

SILVA, Sergio L. Baptista. *Masculinidades e feminilidades dentro dos manuais do FLE (Francês Língua Estrangeira): das visões sexistas às relações de gênero*. 2008. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2008.tde-25112009-110827>.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERLAINE, Paul. *Poèmes érotiques*. Paris: Librio, 2006.

VILLALTA, Luiz Carlos. Leituras Libertinas. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 76-99, jan.-dez, 2012.

WHITE, Edmund. *Rimbaud: a vida dupla de um rebelde*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.